

5

Pontos provisórios de chegada da pesquisa

O desenvolvimento de estudos-piloto impõe a realização de todas as etapas de um *survey*: da amostragem ao relatório (Babbie, 1999). Assim, apresento, neste capítulo, análises preliminares dos dados gerados pela pesquisa à luz dos construtos elaborados para referenciar os itens do questionário, buscando estabelecer relações entre diferentes variáveis.

Nas próximas sessões, é realizada a caracterização sociodemográfica da população de alunos matriculados no PEJ em 2003. Em continuidade, é feita uma apresentação de natureza descritiva das características dos estudantes, que permite sua classificação em subgrupos e o delineamento do perfil dos alunos matriculados no PEJ. São apresentadas, também, análises sobre os três tipos de capital que dimensionam a posição socioeconômica do aluno, suas práticas culturais e o acompanhamento de suas trajetórias escolares antes do ingresso no PEJ.

O capítulo encerra-se com a apresentação dos resultados da avaliação que os alunos fazem do PEJ, a partir do seu retorno ou ingresso na escola.

5.1

Aluno do PEJ, quem é você?

5.1.1

Caracterização sociodemográfica

Gênero

A população que compõe o PEJ é formada por percentuais próximos de homens e mulheres, sem predominância de um gênero sobre outro, mas apenas de uma discreta diferença a favor dos representantes do sexo masculino. Quando a variável *gênero* é contemplada, a partir da estratificação dos PEJs, identificamos que o PEJ I (Anexo 2) apresenta um maior percentual de mulheres matriculadas, sendo que, no PEJ II, acontece o inverso.

A análise dos dados relativos ao grupo etário, revela que, entre os mais jovens, ou seja, entre aqueles que têm até 21 anos de idade, encontra-se o maior percentual de homens e, entre os alunos com mais de 31 anos, o maior percentual de mulheres.

Tabela 1 – Relação entre gênero e grupo etário

Grupo etário	Sexo		
	Masc.	Fem.	Total
Entre 14 e 21 anos	47%	22,3%	33,9%
Entre 22 e 31 anos	31,6%	35,1%	33,4%
Mais de 31 anos	21,4%	42,6%	32,6%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Os dados mostram, assim, que o PEJ tem percentuais próximos de homens e mulheres matriculados. Entretanto, quando consideramos o gênero, a faixa etária e o PEJ freqüentado pelos alunos, percebemos que, no PEJ I, a maioria das mulheres está na faixa etária superior aos 31 anos, enquanto os homens mais jovens têm o percentual mais elevado de matrículas no PEJ II.

As mulheres retornam com mais idade para os estudos na EJA, possivelmente pela dificuldade de conseguir uma guarda para seus filhos menores e, também, devido à dupla jornada de trabalho que normalmente enfrentam fora e dentro de casa.

Os jovens do sexo masculino reingressam no sistema educacional mais cedo, motivados, talvez, pelas demandas do mercado de trabalho. É possível ponderar que as exigências impostas às mulheres, em se tratando do grupo social de pertencimento das pessoas que participaram desta pesquisa, sejam inferiores às impostas aos homens, se considerarmos que pode haver uma inserção maior dos homens no mercado de trabalho formal, enquanto as mulheres integram-se mais rapidamente no mercado informal, onde as exigências de escolaridade são menores.

Cor declarada

Presente em diferentes instrumentos de pesquisa nacionais para diversos fins, a solicitação da declaração da cor do respondente é passível de interpretações diversas. A apresentação do questionário aos alunos do PEJ I que não dominavam

a leitura, em formato bem próximo ao de uma entrevista estruturada, ratificou a dificuldade de se trabalhar com essa variável. Diante da solicitação para que auto-declarassem sua cor, respostas do tipo *me considero de cor normal* (respondente do PEJ I) foram apresentadas pelos alunos, que tiveram dificuldade em identificar sua cor com as alternativas oferecidas no questionário (branco, pardo, negro, amarelo ou indígena). As análises que se seguem, dizem respeito à auto-declaração dos alunos, sem levar em conta os critérios utilizados por eles para a escolha da sua cor.

Pelas respostas apresentadas (Anexo 3), identificamos que os pardos ou mulatos representam a maioria dos alunos do PEJ: 42% se declararam desta cor, seguidos por 35% dos alunos que se declararam brancos e por 16% que se identificaram como negros. Os alunos de cor amarela ou indígenas compuseram um percentual pouco significativo.

A atualização pelo sistema educacional das diferenças sociais pode ser observada na existência de um número menor de alunos negros freqüentando o PEJ. Esse dado pode estar indicando que os alunos negros são submetidos a um duplo processo de seletividade escolar: não apenas são eles os que menos se beneficiam de formas alternativas de oferta escolar, como, também, os que compõem o maior contingente de alunos no ensino fundamental formal que apresenta níveis de defasagem idade-série superiores aos da população branca ou amarela (Relatório Saeb 2001).

Idade

A variável contínua *idade* foi apresentada no questionário por meio de pergunta aberta. Assim, ela assumiu diferentes valores. A análise dos dados permitiram identificar que os alunos mais jovens do PEJ têm 14 anos e os mais velhos, 65 anos.

A média de idade dos alunos, obtida a partir da soma de todas as idades dos alunos dividida pelo total de alunos, é de 28,56 anos. O resultado não confirma a hipótese inicial dessa pesquisa de que a população de estudantes do PEJ seria, em sua maioria, formada por jovens, já que a idade média (próxima aos 30 anos) é uma idade elevada para ser classificada na categoria de juventude.

Na medida em que, ao representar o conjunto de informações sobre as idades dos alunos pela média, perde-se a noção de como essas idades se

distribuem, optamos por recorrer a outras formas de tratamento desta variável. Uma delas foi buscar identificar a moda²⁰, ou seja, a idade mais freqüente entre os respondentes. Nesse caso, a idade modal dos alunos é de 16 anos, o que poderia estar sinalizando um momento de inserção crescente de jovens no programa.

Todavia, o fato de essa pesquisa ser seccional, ou seja, de acontecer num único momento, dificulta uma avaliação mais correta do possível fenômeno de juvenalização do PEJ, indicando a necessidade de se fazer um acompanhamento dessa variável de forma longitudinal, a fim de se observar se essa tendência se confirma ou não ao longo do tempo.

Após essas observações iniciais, a variável *idade* foi transformada em uma variável ordinal, a fim de que pudesse ser melhor utilizada nas análises com outras variáveis. Para isso, foi construída a variável que passei a chamar de *grupo etário*, formada pelas idades declaradas pelos alunos organizadas em três grupos, a saber: pessoas com até 21 anos, entre 22 e 31 anos e com mais de 31 anos. A variável original foi, a partir daí, desprezada, passando a ser utilizada em minhas análises a nova variável construída.

Estratificando a análise dos grupos etários de alunos matriculados no PEJ, é possível perceber que, no PEJ I, predominam as matrículas de alunos mais velhos. O inverso acontece no PEJ II, onde encontramos um grupo etário de pessoas mais jovens.

Tabela 2- Relação entre o grupo etário e o PEJ de matrícula

PEJ de matrícula	Grupo etário			Total
	até 21	de 22 a 31	mais de 31	
PEJ I	21,9%	30,5%	56,8%	36,2%
PEJ II	78,1%	69,5%	43,2%	63,8%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

²⁰ Chamamos de moda a medida de tendência central que resume as informações contidas na variável, no caso a idade dos alunos, observando o valor mais freqüente de respostas.

Estado de procedência

Para caracterizar a naturalidade dos alunos, foram apresentadas apenas duas opções de respostas: se eram nascidos ou não no Estado do Rio de Janeiro. O objetivo do item era permitir a posterior associação dessa variável a outras ligadas, principalmente, à trajetória escolar dos alunos, visando a uma análise comparativa entre as ofertas educacionais presentes na vida dos estudantes do Estado do Rio com as dos oriundos dos demais estados da federação.

A análise inicial revelou que 58% dos alunos matriculados no PEJ são fluminenses. A distribuição da naturalidade dos alunos, pelos grupos etários, sinaliza que os mais jovens são predominantemente nascidos no Estado do Rio. Entre os alunos mais velhos, há um ligeiro predomínio dos que são naturais de outros estados (Anexo 4).

Quanto às relações entre gênero e naturalidade, a pesquisa mostrou que os homens são predominantemente fluminenses (70%) e entre as mulheres há uma discreta prevalência das nascidas em outros estados: 52% (Anexo 5).

O PEJ I reúne a maior parte dos imigrantes.

Quanto à naturalidade dos pais (Anexo 6), os alunos mais jovens, com até 21 anos de idade, apresentam o maior percentual de mães e pais naturais do Rio, enquanto, com os mais velhos, de mais de 31 anos, o fenômeno se inverte: é maior o percentual de mães e pais naturais de outros estados.

Cerca de 12% dos respondentes não souberam informar a naturalidade do pai, já a naturalidade das mães não foi informada por apenas 1,8% dos respondentes.

Religião

A análise descritiva dos dados sobre a religião dos alunos (Anexo 7) revela uma leve predominância de católicos. Alunos que se declararam católicos e evangélicos constituem, em conjunto, 84% das respostas. A opção oferecida *religião judaica* não foi indicada por nenhum aluno.

Constituição familiar

A maior parte dos alunos do PEJ ainda não constituiu sua própria família: 63% declararam não serem casados e não viverem com um companheiro. O percentual de alunos casados, ou que vivem com alguém, é superior entre as

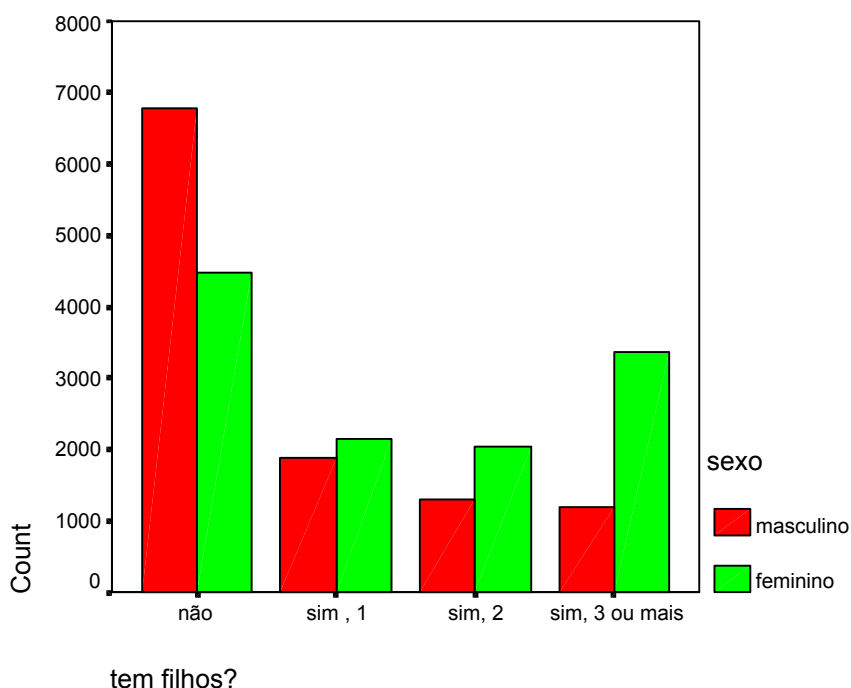
mulheres, entre os alunos matriculados no PEJ I e entre os que se situam numa faixa etária mais elevada (Anexos 8,9).

Dos declarantes, 51% dos alunos informaram ter filhos..

O Censo 2000 ²¹ identificou uma redução na taxa de fecundidade na Região Sudeste. No caso da população do PEJ, registra-se um número maior de filhos entre os alunos mais velhos (mais de 31 anos), e aqueles que têm apenas um filho concentram-se na faixa etária intermediária (de 22 a 31 anos), o que pode indicar, na população pesquisada, a manifestação dessa tendência (Anexo 10).

Quando comparamos o número de filhos e o gênero dos respondentes, verificamos que há um percentual maior de homens sem filhos e que as mulheres têm um número maior de filhos.

Gráfico 1 – Número de filhos por gênero



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Escolaridade dos pais

As variáveis *escolaridade do pai e da mãe* serão analisadas posteriormente, junto com outras sobre a trajetória escolar dos alunos, tendo em vista a sua importância para nossa pesquisa.

²¹Em 1960, a brasileira tinha 6,28 filhos, e em 2000 passou a ter apenas 2,38. Essa queda de 62,1%, segundo o IBGE, deve-se à redução na taxa de fecundidade no Sudeste.

Foi verificado um percentual elevado de alunos que declararam desconhecer a escolaridade do pai (37%) e um percentual menor, mas ainda assim significativo, daqueles que informaram desconhecer a escolaridade da mãe (17%).

5.1.2 Indicadores de renda e inserção no mundo do trabalho

Para investigar o capital econômico dos alunos, essa pesquisa recorreu a dados referentes à relação do aluno com o mundo do trabalho e à renda individual e familiar. No segundo caso, a pesquisa delimitou a coleta de informações a partir da renda bruta, tendo como referência a renda individual e a renda familiar total. As informações relacionadas principalmente à renda familiar são prejudicadas por diferentes motivos. Alguns deles puderam ser identificados nas entrevistas com os alunos do PEJ I, como, por exemplo, a falta de conhecimento do respondente sobre a renda dos demais membros da família, a não-inclusão de recursos oriundos de trabalhos temporários e outras dificuldades inerentes a esse tipo de pergunta. Contudo, os resultados obtidos não devem ser subestimados. Entre os alunos do PEJ, 19% informaram não saber a renda da família e 34% declararam renda familiar igual ou inferior a dois salários mínimos (sm).

Tabela 3 – Renda familiar bruta declarada pelo aluno

Renda bruta	Percentuais
Até 240,00	13,5 %
De 241,00 a 480,00	20,4 %
De 481,00 a 960,00	32,9 %
De 961,00 a 1440,00	8,8 %
De 1441,00 a 1920,00	2,9 %
Mais de 1920,00	2,4 %
Não sabem	18,7 %
Total	99,6 %
Não responderam	0,4 %
Total	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Sobre a relação com o trabalho, encontramos um percentual de 84% de alunos que, em algum momento de suas vidas, já se inseriram no mercado de trabalho. O ingresso em idade precoce também foi verificado: 49% dos alunos começaram a trabalhar com 14 anos de idade ou menos (Anexo 11).

Entre os alunos que declararam nunca ter trabalhado, são mais frequentes jovens com até 21 anos de idade e mulheres (Anexos 12 e 13).

Também foi indagado aos alunos se eles estavam trabalhando no momento da pesquisa e qual a relação desse trabalho com seu sustento e o sustento de outras pessoas. As respostas a essas perguntas mostraram uma ampliação do percentual de pessoas fora do mercado de trabalho (43%), principalmente entre as mulheres, como pode ser observado na Tabela abaixo.

Tabela 4– Relação entre o gênero do aluno e sua inserção no trabalho formal

O aluno trabalha atualmente	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Não	31,2%	55,5%	43,7%
Trabalha, mas depende da família	18,6%	13,1%	15,7%
Trabalha e não depende da família	22,8%	18,2%	20,4%
Trabalha e sustenta outras pessoas	27,4%	13,3%	20,1%
Total	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

É também entre os jovens que se concentra o maior percentual de pessoas fora do mercado de trabalho: 62,5% dos declarantes com até 21 anos de idade estão desempregados.

O questionário orientava o respondente a se encaminhar às perguntas que se referiam à sua condição de inserido ou não no mercado de trabalho. Iniciei a descrição dos resultados dos dois grupos de respondentes.

Informações dos alunos que declararam estar fora do mercado de trabalho

Entre aqueles que informaram não estar trabalhando atualmente, as razões apresentadas estão elencadas na Tabela abaixo:

Tabela 5 – Porque o aluno não trabalha atualmente

Motivo	Percentual válido
Não quer ou não precisa	2,8 %
Está desempregado	42,6 %
Se dedica apenas aos estudos	22,0 %
Está aposentado	2,0 %
Outro motivo	30,6 %
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Na categoria *outro motivo*, as entrevistas com os alunos do PEJ I permitiram identificar que, entre as razões impeditivas para o trabalho, os alunos homens incluíram, com grande frequência, a apresentação ao quartel, tendo em vista a idade de alistamento militar, e as mulheres, o cuidado com os filhos menores e a proibição do marido.

Entre os alunos que informaram estar desempregados, 43% declararam se encontrar nessa situação por um período de até um ano, 19% de até dois anos e 38% há mais de dois anos (Anexo 14).

A grande maioria, 87%, está procurando um novo emprego. Para isso, os alunos recorrem, principalmente, à indicação de outras pessoas (70%). Grande parte dos alunos (40,5%) acredita que a pouca escolaridade é responsável pela dificuldade de se inserir no mercado de trabalho (Anexos 15,16 e 17).

Informações dos alunos que declararam estar inseridos no mercado de trabalho

Desses trabalhadores (Anexos 18 a 20), 40,5% têm carteira assinada, 34% declararam-se autônomos e 17% informaram ter sido contratados apenas por um período determinado. A frequência de servidores públicos entre os alunos do PEJ é bastante pequena, apenas 2,9% do total de alunos .

A baixa incidência de posse de carteira assinada e, conseqüentemente, de acesso aos direitos trabalhistas e à estabilidade profissional, reflete a exclusão de grupos seja por cor, idade ou gênero.

Foi observada uma leve diferença a favor dos homens no percentual de alunos com carteira de trabalho assinada (Anexo 21). Segundo o Censo 2000, as mulheres têm maior participação entre os empregados formais. Contudo, as empregadas domésticas, ocupação exercida por boa parte das mulheres matriculadas no PEJ, são as campeãs da informalidade. Talvez isso se reflita no resultado observado entre homens e mulheres do PEJ.

Quando observamos, também, a faixa etária daqueles que têm carteira assinada, podemos identificar que o grupo dos mais jovens representa a parcela menor, pois apenas 19,5% dos jovens com até 21 anos de idade e que estão trabalhando têm carteira assinada. Isso pode refletir as mudanças nas relações de trabalho na sociedade atual, que atingem principalmente a juventude.

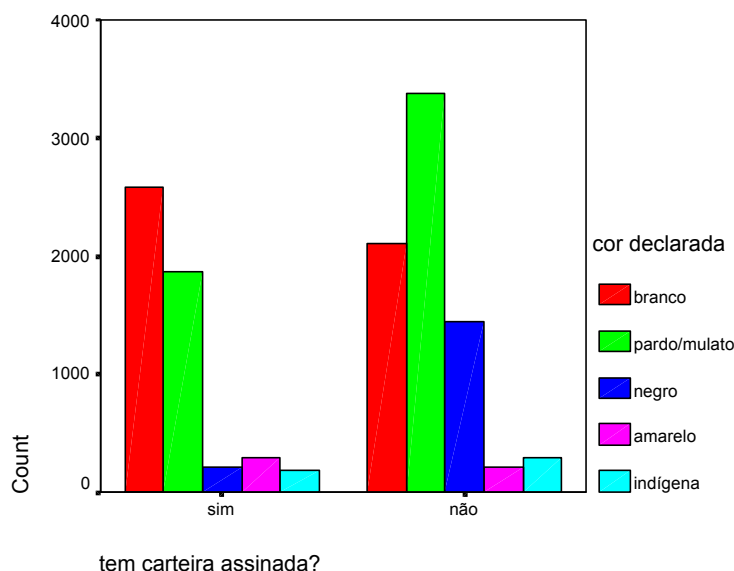
Tabela 6 - Relação entre o grupo etário do respondente e a posse de carteira assinada

Tem carteira de trabalho assinada	Grupo etário		
	até 21 anos	de 22 a 31 anos	mais de 31 anos
Sim	19,5%	52,6%	41,0%
Não	80,5%	47,4%	58,5%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

O grupo racial de origem dos alunos, também parece ter impacto sobre sua situação no mercado de trabalho. Entre os negros, a posse de carteira de trabalho assinada atinge apenas 13%, enquanto que entre os brancos é de 55% (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Relação entre a cor declarada pelo aluno e a posse de carteira assinada



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

O salário bruto recebido pelo trabalho desenvolvido oferecia, como possibilidade de resposta, quatro faixas salariais que tinham como referência o salário mínimo vigente. Segundo dados do IBGE,²² o salário mediano do trabalhador brasileiro é baixo, variando de acordo com a região do país ou área de localização (urbana ou rural). Dados do Censo 2000 revelaram que, naquele ano, aproximadamente metade da população ganhava até 2 salários mínimos (sm) por mês.

²² Censo IBGE - 2000

No caso da população do PEJ, essa renda salarial se apresenta ainda mais baixa: 38% dos alunos recebem até 01 sm, 45%, até 02 sm, 15,5%, até 04 sm e apenas cerca de 2%, até 06 sm.

Quando realizamos análises bivariadas desses dados, o resultado se modifica, indicando que alguns grupos estão em desvantagem salarial em relação a outros: negros, mulheres e jovens têm salários menores (Anexos 22 e 23).

Foi verificado que alunos com carteira de trabalho assinada têm os maiores salários, o que indica que a posse de carteira assinada guarda relação com o salário recebido. Os alunos que se encontram nas faixas mais altas de salário bruto superam em percentual os que não têm carteira assinada (Anexo 24).

O salário recebido é utilizado pelos alunos, prioritariamente, com compromissos familiares. O comprometimento da maior parcela do salário (57%) é com a alimentação pessoal e da família, e apenas 3% são destinados ao lazer (Anexo 25).

5.1.3 Experiências culturais, sociais e práticas de leitura

Com o objetivo de dimensionar os capitais social e cultural dos alunos, alguns itens do questionário serão analisados a seguir:

Atividades de lazer

Foram apresentadas diferentes atividades para que os alunos marcassem aquelas que realizaram ao longo do ano de 2003, indicando sua frequência.

As atividades de lazer praticadas pelos alunos (Anexo 26), segundo a ordem de frequência, são as seguintes: assistir televisão, ouvir música, ir ao shopping e ir à praia.

Mais da metade dos alunos (63%) informou não frequentar bailes. A entrevista com os alunos do PEJ I possibilitou perceber que a pergunta foi formulada indevidamente, pois a palavra “baile”, com a qual eu intencionava identificar a participação do aluno em festas coletivas com dança, incluindo nessa categoria de resposta os pagodes, forrós, sambas, charm e funk, na realidade, para

os alunos, representava apenas a última opção. Baile e funk são, para eles, sinônimos, o que compromete a análise dessas respostas.

As demais atividades apresentadas não são comuns no cotidiano dos alunos. Mais da metade deles não foi, em 2003, a cinema, show de música, museu ou teatro. Apenas 16% dos alunos informaram ter assistido à ópera, balé ou concerto de música clássica.

Na fala dos alunos do PEJ I, pude verificar duas características que apenas a aplicação do questionário não teria me permitido observar. Como só perguntei se os alunos haviam ido aos locais no ano de 2003, a entrevista com os alunos do PEJ I me permitiu constatar que, muitos deles, na realidade, nunca tiveram oportunidade de ir a um desses locais ao longo de suas vidas e que, grande parte dos que declararam ter ido, o fizeram com a escola, em atividades organizadas pelos professores.

Atividades educacionais complementares

O questionário também objetivou identificar se os alunos faziam algum curso complementar (Anexo 27). Os resultados apontaram que espaços de estudo, fora do horário das aulas, são pouco freqüentes e restringem-se às atividades organizadas pela própria escola.

Participação em diferentes espaços sociais

Quando perguntados sobre sua participação em grupos organizados (Anexo 28), verificamos que, começando pela escola e chegando às atividades políticas, os alunos do PEJ deles pouco participam, excetuando-se a participação em grupos religiosos, que se destaca na freqüência de respostas positivas dadas pelos alunos.

Em se tratando do grêmio estudantil, formado por alunos que são eleitos regularmente em todas as escolas da rede municipal, após campanha para divulgação de plataforma de trabalho, apenas 7 % dos alunos do PEJ declararam ter algum tipo de participação e muitos revelaram desconhecimento de sua existência.

Quando se trata da organização comunitária, apesar de ainda baixo, um percentual mais expressivo dos alunos do PEJ (22%) informou ter algum tipo de participação na associação de moradores local.

A participação na vida sindical é quase ausente na população: apenas 3% dos alunos participam desse tipo de atividades. A militância em partidos políticos também não faz parte do seu cotidiano: cerca de 93% dos respondentes afirmaram não ter qualquer tipo de participação em atividades políticas.

Quanto analisamos os resultados das respostas que buscavam identificar a participação dos alunos em atividades religiosas, o quadro se modifica substancialmente, demonstrando ser essa uma atividade da qual os alunos participam com bastante frequência.

Entre os respondentes, 89% informaram terem ido à igreja durante o ano e destes, 67% terem ido mais de 3 vezes. Além disso, 37% informaram participar de outras atividades ligadas à religião.

Pude perceber, pelas respostas apresentadas ao longo das entrevistas com os alunos do PEJ I, uma influência muito forte da igreja nas atividades dos respondentes. Muitos alunos informaram, por exemplo, que ouvem com frequência músicas nas rádios, mas somente nas evangélicas que tocam os hinos de igreja, louvores ou divulgam depoimentos de fé. Este fato também pode ser verificado entre os alunos que informaram já terem ido a shows, pois se tratava de shows evangélicos. Entre os que se declararam leitores de livros, jornais e revistas, essa leitura refere-se, algumas vezes, apenas ao material específico de sua religião: jornais de evangelização, livros, revistas e periódicos da igreja. Até a participação em partidos políticos sofre influência dos grupos religiosos, já que alguns alunos que declararam ter esse tipo de participação se referiam à distribuição de panfletos do candidato indicado pela igreja.

A pesquisa em pauta não permite constatar o grau de influência da participação em grupos religiosos na vida dos alunos, nos seus hábitos culturais e escolares. Contudo, a incidência de respostas positivas a esse respeito, dadas pelos alunos do PEJ I, indicam a necessidade de introduzir refinamentos nos itens do questionário que indagam esses aspectos.

Práticas de leitura

Para a identificação dos hábitos dos alunos fora da escola relativos a estudo e leitura (Anexo 29), foram apresentados alguns materiais a fim de que o respondente verificasse se fez uso ou não dos mesmos, ao longo do ano de 2003. Entre os materiais apresentados, são os livros da escola os mais lidos pelos alunos:

86% declararam ter realizado esse tipo de leitura durante o ano passado. Em se tratando de jornais e livros religiosos, respectivamente, 79% e 74% dos alunos informaram ter lido esses textos, ao longo do ano. Vale lembrar que não foi especificado o tipo de jornal, estando neste percentual incluídos os jornais religiosos distribuídos pelas igrejas, conforme fala dos alunos do PEJ I.

A opção de leitura de livros de ficção ou romance foi a que apresentou um percentual menor de leitores, apenas 34% dos alunos informaram ter lido esse tipo de material em 2003.

A informação sobre o acervo de livros em casa revela que 29% dos alunos declararam não ter nenhum livro em suas casas. Isto indica a importância do investimento constante nas bibliotecas das escolas, já que, para muitos, esse é o único espaço onde poderão ter acesso a diferentes livros e a outros materiais de leitura. Sinaliza, também, a necessidade de políticas mais ousadas de leitura, aliadas à implantação de ações que possam chegar até as famílias dos alunos.

Hábitos de estudo

A respeito dos hábitos de estudo fora da escola (Anexo 30), verificou-se que a maioria dos alunos (85%) declarou ter em sua casa um espaço adequado para estudar e que seu lugar de estudo também é em casa (70%). Os dados ratificam o desejo de aprender que está presente no estudante da EJA, pois, mesmo com diferentes compromissos próprios da vida adulta, como educação dos filhos, trabalho, afazeres domésticos, eles afirmaram, em sua maioria, não restringir o tempo para os estudos à sala de aula.

Recursos disponíveis

No questionário foram elencados alguns materiais que podem colaborar com a aprendizagem dos conteúdos escolares (Anexos 31 a 33), a fim de que o aluno sinalizasse os que possuía em sua residência. Jornais e revistas estão presentes na casa de, aproximadamente, metade dos estudantes e enciclopédias e atlas, apenas em cerca de 1/3 das casas. O dicionário, por sua vez, é mais popular: 82% dos respondentes declararam possuir dicionário em casa, sendo que muitos alunos do PEJ I informaram que seus filhos ganharam o dicionário na escola.

Entre os alunos, 72% têm calculadora e 21%, computador. Na era da velocidade da informação, apenas 29% informaram já ter navegado alguma vez na

Internet, resultado que pode ser contestado, já que na conversa com os alunos do PEJ I ficou evidente que utilizar qualquer programa num computador pode ser confundido pelos alunos como acessar a Internet.

Evidenciou-se, também, que o acesso à Internet aconteceu, muitas vezes, nos laboratórios das escolas.

É importante assinalar, contudo, que os resultados apresentados sobre experiências culturais, sociais, hábitos de estudos e acesso à tecnologia são preliminares e precisam ser objeto de associação com outras variáveis.

Os dados coletados a partir de itens dos questionários de pesquisas que tratam dos hábitos de estudo, acesso a bens culturais, apropriação das inovações tecnológicas, participação em diferentes grupos sociais revelam aspectos importantes sobre a seletividade escolar. Com efeito, as pesquisas mostram que o avanço na escolaridade do aluno e sua permanência no sistema educacional relacionam-se com a existência de condições favoráveis para o estudo em casa e com a frequência do aluno a outros espaços de caráter cultural e não apenas à escola. A Tabela 7, que compara o percentual de alunos do PEJ I e do PEJ II que já navegaram na Internet, ratifica essa constatação. O percentual de alunos do PEJ II que já navegou na Internet é bem mais elevado do que o do PEJ I, ficando acima do percentual total apresentado nos resultados preliminares desta pesquisa.

Tabela 7 – Relação entre o PEJ de matrícula e o acesso à Internet

Se o aluno já acessou à internet	PEJ I ou PEJ II		Total
	PEJ I	PEJ II	
Sim	10,1%	38,8%	28,6%
Não	89,9%	61,2%	71,4%
Total	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

5.2

... por onde você andou?

Apesar da universalização e democratização do ensino fundamental, existe ainda, no Brasil, uma parcela bastante significativa de alunos com experiências de reprovação²³, prática escolar responsável pela distorção idade-série e por levar os alunos ao abandono temporário ou definitivo da escola.

Pude comprovar essa realidade na pesquisa realizada: os dados coletados ratificam que a trajetória escolar do aluno matriculado no PEJ traz as marcas e experiências de uma história de ex-aluno do ensino regular, conforme mostra a Tabela 8.

Tabela 8 - Percentual de alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ

Resposta apresentada	Percentual de respostas		Total
	PEJ I	PEJ II	
Sim	82,5%	97,5%	92,1%
Não	17,5%	2,5%	7,9%
Total	100 %	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA²⁴ estabelecem três funções para a educação de jovens e adultos:

função reparadora, que se refere ao ingresso no circuito dos direitos civis, pela restauração de um direito negado; a função equalizadora, que propõe garantir uma redistribuição e alocação em vista de mais igualdade, de modo a proporcionar maiores oportunidades de acesso e permanência na escola aos que até então foram mais desfavorecidos; por último, a função por excelência da EJA, permanente, descrita no documento como a função qualificadora. (Soares, 2002, p. 13)

A função da educação de jovens e adultos, que garante o atendimento às necessidades contínuas de aprendizagem e atualização, inerentes à vida do homem nos tempos atuais, ou seja, a chamada educação durante toda a vida²⁵, ainda não é

²³ Os dados, por exemplo, do SAEB 2001 apontam taxas bastante elevadas de percentuais de reprovação prévia entre os alunos pesquisados.

²⁴ O Parecer 11/2000 é o texto que regulamente as Diretrizes Curriculares Nacionais para EJA

²⁵ O relatório da Unesco para o século XXI aponta a *educação ao longo da vida* como fundamental ao homem neste novo século.

exercida efetivamente pela EJA, que está voltada, prioritariamente, para as outras duas funções que buscam resgatar ao cidadão o direito à escolaridade básica.

Evidencia-se que o PEJ é um programa voltado para atender pessoas que viveram o chamado fracasso escolar e buscam a oportunidade de concluir o ensino fundamental.

Partindo do meu conhecimento prévio da população, que me permite saber que ela é constituída, na sua totalidade, de alunos oriundos de meios socialmente desfavorecidos e de uma camada da população que sofre, em sua trajetória escolar, diferentes acidentes que resultam em sua exclusão do sistema educacional formal, busquei conhecer, por meio dessa pesquisa, algumas características associadas às trajetórias escolares dos alunos. Para tal, construí itens de questionário e variáveis relacionados com aspectos econômicos, culturais e sociais dos alunos e com suas características sociodemográficas, de modo a verificar a incidência e a intensidade dos aspectos que têm maior impacto sobre o destino escolar dos alunos, antes do seu ingresso no PEJ.

A literatura aponta que a relação entre as classes populares e a escola é contraditória, marcada tanto por atitudes de rejeição quanto pelo desejo e luta para não perder o direito à instrução. O acesso aos saberes construídos e valorizados pela sociedade e a obtenção do certificado escolar que legitima esse saber e sustenta expectativas em relação a situações menos adversas de vida pela qualificação profissional, são metas para as famílias de baixa renda que buscam conquistar uma situação de vida melhor por intermédio da escola. Isso nos ajuda a compreender por que 92% dos alunos matriculados no PEJ já estudaram quando crianças e persistem agora na luta por completar o ensino fundamental.

Com estas idéias em mente, dou início a certas análises que nos permitam conhecer melhor a trajetória da luta desses alunos, representantes das classes populares, pela permanência na escola.

Conforme já comentado, a pesquisa revelou que a população do PEJ é marcada pela existência de uma escolaridade anterior, apenas 8% desses alunos afirmaram não ter estudado em escolas formais antes de ingressar no PEJ. Uma análise das respostas a alguns quesitos do questionário possibilita identificar que os alunos sem escolaridade prévia se encontram, predominantemente, matriculados no PEJ, sendo, na sua maioria, mulheres. A totalidade dessa

significativa parcela de alunos tem pai e mãe com escolaridade igual ou inferior à 5ª série ou pais que nunca estudaram.

Quando indagados sobre os motivos responsáveis pela falta anterior de estudo ou de frequência à escola, 45% dos alunos indicaram a necessidade de ingresso precoce no mercado de trabalho como a causa principal, ou seja, apontaram uma razão que está, de fato, diretamente relacionada com o baixo capital econômico desses alunos.

Contudo, o motivo principal que levou esses jovens e adultos a não ingressarem na escola quando crianças modifica-se quando analisado em conjunto com outras variáveis. Para as mulheres, por exemplo, a entrada no mundo do trabalho não tem peso determinante, sendo outros fatores, tão ou mais expressivos que esse, responsáveis pela impossibilidade de elas estudarem. É entre os homens que encontramos o trabalho precoce como causa principal da ausência de ingresso ou de frequência à escola.

Tabela 9 - Por que nunca estudou antes de ingressar no PEJ

Motivo principal	Sexo		Total
	Masculino	feminino	
Precisou trabalhar cedo	87,7%	16,7%	45,4%
A família não procurou escola		16,7%	9,9%
Não conseguiu vaga ou não tinha escola onde morava		33,3%	19,9%
Estudava com alguma pessoa	12,3%	16,7%	14,9%
Outro motivo		16,7%	9,9%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

A opção *outro motivo* aparece apenas entre as mulheres, com um percentual de aproximadamente 17% das respostas. A aplicação dos questionários em alunos do PEJ I possibilitou identificar alguns dos motivos que afastaram as mulheres da escola na infância. Com certa frequência, os serviços do lar e as atividades delegadas às mulheres no seio da família, tais como, cuidar dos irmãos mais novos, cuidar da casa ou de algum enfermo, foram impeditivos para o estudo na infância. A proibição do pai, por julgar que escola é coisa apenas para menino, foi, segundo falas de alunas do PEJ I, um outro motivo que prejudicou o acesso à escola.

Quando analisamos o estado de origem dos alunos, podemos observar que aqueles que nasceram no Rio de Janeiro predominam entre os que ingressaram no mercado de trabalho precocemente e, por isso, nunca estudaram. Os naturais de outros estados apresentaram diferentes motivos (Anexo 37), entre eles, a ausência de vagas ou escolas. Assim, podemos considerar que, no Estado do Rio de Janeiro o processo de democratização do acesso à escola de ensino fundamental já é uma realidade.

Classificando os alunos por faixa etária, observamos que entre os alunos mais velhos, ou seja, com idade superior a 31 anos, encontra-se a maior parcela de alunos que nunca estudaram. Diante desses dados, mais uma vez, fica evidente a generalização do atendimento do ensino fundamental público no Estado do Rio de Janeiro.

E por onde andaram os 92% de alunos do PEJ que estudaram anteriormente à sua matrícula na educação de jovens e adultos?

A pesquisa indicou que são alunos oriundos da escola pública, já que 78% dos que freqüentaram a escola antes do PEJ estudaram nessas escolas (Anexo 40).

A aplicação do questionário aos alunos do PEJI tornou possível observar que aqueles que informaram ter estudado em algum momento da sua trajetória em escolas particulares o fizeram no período destinado ao jardim de infância ou educação infantil, ou seja, na idade escolar não obrigatória

Quando analisamos os resultados referentes à idade de ingresso desses alunos na escola, observamos que 38% dos alunos que estudaram antes de ingressar no PEJ já estavam dentro da escola mesmo antes de ter 7 anos, idade obrigatória fixada pela LDB. Observamos, também, que 29% dos alunos ingressaram na escola aos 7 ou 8 anos de idade. Assim, apenas 24% dos alunos ingressaram tardiamente na escola, ou seja, com distorção idade-série (Anexo 41).

Apesar de ser tradicionalmente difícil a captura desse tipo de informação, via questionário, apenas 9% dos respondentes informaram não se lembrar da idade de ingresso na escola, percentual ótimo de respostas que pode decorrer da forma como foi organizada a apresentação dos itens do questionário, de modo a favorecer a recuperação dessa informação na memória do respondente no início do preenchimento do instrumento e, portanto, quando o respondente está menos cansado.

Voltando ao tema da frequência à escola, os dados mostram que a concentração maior de alunos que entraram tardiamente na escola está localizada entre aqueles que não são naturais do Rio de Janeiro. Entre os fluminenses, 15% ingressaram na escola com 9 anos ou mais, enquanto que entre os alunos naturais de outros estados este percentual passa para 39% (Anexo 42).

A escolaridade do pai interfere na idade de ingresso dos filhos na escola: quanto maior a escolaridade do pai, menor é a faixa etária dos filhos no primeiro ano de escola. Contudo, observa-se um fenômeno curioso com relação aos pais que possuem ensino médio: o fato de os pais terem escolaridade de nível médio não parece afetar significativamente a idade de ingresso dos filhos na escola, conforme pode ser visualizado na tabela abaixo, que apresenta, de maneira associada, a idade de ingresso do aluno na escola e a escolaridade do pai.

Tabela 10 - Relação entre a escolaridade do pai e a idade de ingresso do aluno na vida escolar

Idade de ingresso do aluno na escola	Escolaridade do pai				
	Nunca estudou	1 ^a a 4 ^a série	5 ^a a 8 ^a série	Ensino médio	Não sabe
Menos de 7 anos	16,8%	46,7%	56,5%	46%	31,7%
7 ou 8 anos	30%	31,8%	21,8%	18%	30,8%
De 9 a 14 anos	35,6%	10%	9,5%	35,9%	19%
Mais de 14 anos	11,9%	6,4%			5,7%
Não se lembra	5,6%	5%	12,2%		12,7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

A mesma situação se verifica no caso da escolaridade das mães. É menor o percentual de filhos que entraram na escola fundamental aos 7 ou 8 anos de idade, quando as mães cursaram o ensino médio do que quando elas apenas freqüentaram as séries finais do ensino fundamental (Anexo 43).

Considerando que, conforme comentado acima, um percentual significativo do total de declarantes, que estudou antes de ingressar no PEJ, entrou com menos de 7 anos na escola, idade referente à educação infantil, podemos considerar que foi nesse nível que 40% dos alunos cursaram seu primeiro ano de vida escolar. As respostas mostram, também, que há uma percentagem de 48% de alunos que estudaram, inicialmente, em classes de alfabetização ou na 1^a série do ensino fundamental (Anexo 44). Não foi observada

variação significativa desses percentuais de acordo com o gênero, cor declarada ou outras das variáveis investigadas. Apenas quando verificamos a naturalidade dos alunos, é que identificamos uma certa vantagem no acesso à escola para os nascidos no Rio de Janeiro, onde 48% ingressaram na educação infantil. Já entre os alunos nascidos em outros estados, apenas 27% tiveram a mesma oportunidade (Anexo 45).

Nesse início de viagem, através da trajetória escolar desses alunos, verificamos que os resultados ratificam a importância dada pelas famílias das classes populares ao investimento escolar de seus filhos: muitos estudaram antes de ingressar no PEJ, entraram na escola antes dos 8 anos de idade, cursaram o jardim de infância ou classes de alfabetização.

Essa trajetória se aproxima e guarda comunalidades com a vivida por alunos que concluíram seus estudos de nível fundamental. Entretanto, esse não foi o caso dos alunos do PEJ.

E o que aconteceu neste percurso escolar que fez com que a população desta pesquisa, ou seja, os alunos matriculados no PEJ, não conseguissem concluir o ensino fundamental quando crianças ou jovens?

A primeira hipótese levantada em torno do processo de exclusão escolar relaciona-se com as reprovações vividas pelos alunos.

Quando indagados sobre a existência ou não de reprovações em sua vida escolar, 67% dos alunos responderam de forma positiva, conforme dados mostrados na Tabela abaixo, que também mostra a frequência com que aconteceram as reprovações na sua vida escolar.

Tabela 11 - Se foi e quantas vezes o aluno foi reprovado

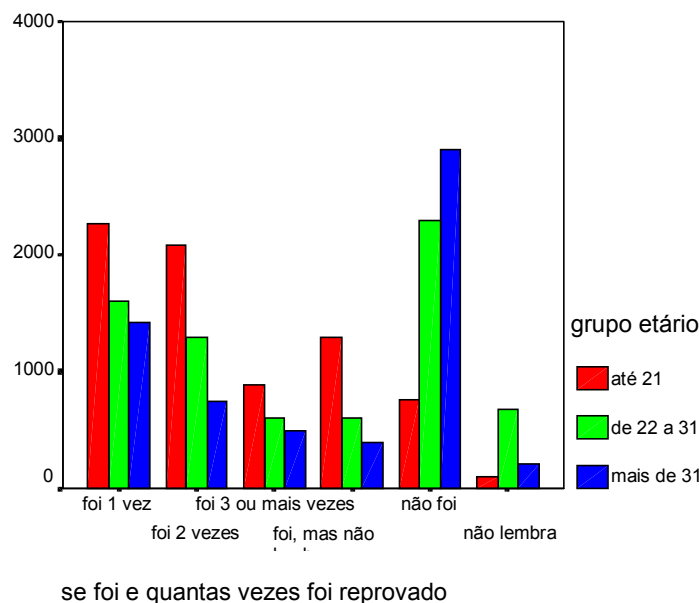
Existência de reprovação na trajetória do aluno	Percentual de alunos
Foi reprovado 1 vez	25,6%
Foi reprovado 2 vezes	20,1%
Foi reprovado 3 ou mais vezes	10,2%
Foi reprovado, mas não lembra quantas vezes	10,7%
Não foi reprovado	28,7%
Não lembra	4,6%
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Não foi verificada alteração significativa desses resultados por gênero ou cor declarada dos alunos. Todavia, ao olharmos o histórico de reprovações,

classificando os alunos por grupos de idade, podemos concluir que entre os alunos mais velhos, ou seja, entre aqueles com mais de 31 anos de idade, a frequência de reprovações é inferior à dos mais jovens e que, inversamente, entre os mais jovens, ou seja, com idade igual ou inferior a 21 anos, há uma frequência maior de reprovações. Esses dados podem ser melhor visualizados no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Se foi e quantas vezes o aluno foi reprovado por grupo etário



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Do total de alunos matriculados no PEJ que estudaram antes de ingressar no programa, cerca de 29% declararam não terem sido reprovados, embora todos não tenham conseguido concluir o ensino fundamental.

Este resultado é curioso, e, para buscar compreendê-lo, precisamos recorrer às informações referentes ao abandono da escola.

O questionário da pesquisa apresentava uma questão relativa às interrupções no fluxo escolar, ao longo dos estudos, antes da matrícula no PEJ. Os dados coletados a este respeito informaram que 83% dos alunos pararam de estudar uma ou mais vezes (Anexo 46).

Quando indagados sobre os motivos desses afastamentos, o ingresso precoce no mercado de trabalho apareceu como a causa principal para 44% dos alunos. Apenas 16% dos respondentes disseram que o motivo para sair da escola,

mesmo que temporariamente, estaria relacionado com sua inadaptação à instituição (Anexo 47). Esta resposta pode estar ratificando o fato de que o aluno e sua família acabam se submetendo às orientações e decisões tomadas pelo sistema escolar, sem questioná-las.

Os alunos do PEJ I permitiram identificar, também, outros motivos para o abandono da escola não captados pelo questionário. Entre eles, estão: doenças pessoais, problemas familiares, casamento, gravidez, embora, todos, com pequena frequência de respostas.

O fluxo escolar interrompido por reprovações ou afastamentos temporários da escola resulta na distorção idade-série dos alunos. No caso dos alunos do PEJ, essa distorção parece ter sido ocasionada, muitas vezes, pelo afastamento do aluno durante períodos médios e longos da instituição escolar.

Segundo os resultados da pesquisa, a última série cursada pelo aluno antes de deixar definitivamente a escola e de buscar o PEJ se concentra nos anos iniciais da educação fundamental. A análise desses resultados precisa ser olhada levando-se em conta a estratificação do PEJ, já que são pré-requisitos para a alocação do aluno no PEJ I ou no PEJ II a comprovação de sua escolaridade anterior e o seu conhecimento escolar acumulado²⁶. A Tabela 12 permite observar, para cada PEJ, até que série o aluno estudou na escola regular antes de frequentar o programa.

Tabela 12 - Até que série do ensino fundamental o aluno estudou por PEJ de matrícula

Série	PEJ		Total
	PEJ I	PEJ II	
1ª série	34,3%	1,3%	12%
2ª série	19,4%	3,8%	8,9%
3ª série	28,4%	10,3%	16,1%
4ª série	11,9%	14,1%	13,4%
5ª série		26,9%	18,2%
6ª série	1,5%	23,1%	16,1%
7ª série		16,7%	11,3%
8ª série		3,8%	2,6%
Não lembra	4,5%		1,5%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

²⁶ Os alunos matriculados no PEJ I encontram-se trabalhando conteúdos relativos ao 1º segmento do ensino fundamental, ou seja, da 1ª a 4ª série, e os do PEJ II, ao 2º segmento, da 5ª a 8ª série

Se atentarmos para a última série cursada pelo aluno, levando em conta a variável *gênero* (Anexo 48), observamos que o percentual de mulheres que não conseguiu avançar para além da 1ª série é de 18%, ou seja, é superior ao de homens, já que, entre estes últimos, apenas 6% não conseguiram sair da 1ª série do ensino fundamental.

A maior concentração de homens têm escolaridade equivalente à 5ª série, o que pode significar que talvez seja esta série a mais preocupante do ponto de vista do abandono escolar entre os jovens do sexo masculino, que têm antecedentes de reprovação no ensino fundamental. Há uma discreta diferença entre a escolaridade atingida por homens e mulheres. Delas, 54% pararam seus estudos no ensino regular na 4ª série, enquanto entre os homens apenas 46,5 % pararam nessa série. Os demais alunos homens prosseguiram e pararam em séries posteriores.

A variável *cor* (Anexo 49) mostra que 65% dos alunos negros interromperam seus estudos até a 4ª série. Este percentual é superior ao das outras categorias de cor declarada. Novamente, a naturalidade dos respondentes foi uma variável significativamente relacionada com o fluxo escolar do aluno. Apenas 41% dos alunos que se declararam naturais de outros estados conseguiram ultrapassar a 4ª série, enquanto 53% dos alunos naturais do Rio de Janeiro concluíram seus estudos na 5ª série ou mais (Anexo 50).

O início da escolaridade também afeta a última série a ser cursada pelo aluno. Os respondentes que iniciaram seus estudos na educação infantil apresentam certa vantagem, em termos de anos de estudo, em relação àqueles que iniciaram seus estudos posteriormente. A totalidade dos alunos que declararam ter chegado à 8ª série antes de ingressar no PEJ frequentou o Jardim de Infância²⁷. Apenas 8% dos alunos que ingressaram no Jardim não ultrapassaram a 1ª série do ensino fundamental.

²⁷ A Educação Infantil é identificada nessa pesquisa como Jardim de Infância por ter sido a denominação utilizada no questionário para maior identificação dos respondentes dessa etapa da vida escolar.

Tabela 13 - Relação da última série cursada pelo aluno com sua série de ingresso na escola

Última série cursada	Primeira série cursada na trajetória escolar				
	Jardim de infância	Alfabetização ou 1ª série	Outra série	Não lembra	Total
1ª série	8,3%	17%		13,2%	12%
2ª série	5,9%	10,8%	16,3%		8,9%
3ª série	15,1%	15,4%	20,9%	26,4%	16,1%
4ª série	9,3%	18,3%	10,5%		13,4%
5ª série	21,8%	10,7%	41,8%	23,6%	18,2%
6ª série	19,7%	17,1%			16,1%
7ª série	10,9%	10,7%	10,5%	23,6%	11,3%
8ª série	6,6%				2,6%
Não lembra	2,4%			13,2%	1,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

A incidência de reprovações na vida escolar, bem como as interrupções nessa trajetória são variáveis que precisam ser observadas com cautela para uma melhor compreensão desse fenômeno.

Entre os alunos que informaram ter parado de estudar apenas uma vez, 49% não conseguiram ultrapassar a 4ª série. Entre aqueles que pararam mais de uma vez, o percentual sobe para 59%. Já para os alunos que informaram nunca ter abandonado a escola, esse percentual se reduz para 34%, ou seja, um maior percentual de alunos conseguiu ultrapassar a 4ª série antes de sair do ensino regular.

Considerando que 63% dos alunos que não tiveram interrupções na vida escolar ultrapassaram o 1º segmento do ensino fundamental, ou seja, chegaram até a 4ª série, e que apenas 39% daqueles que não sofreram reprovações alcançaram a mesma escolaridade, podemos concluir que o fato de o aluno abandonar a escola, a chamada evasão escolar, no caso da população investigada, interferiu mais na trajetória escolar desses alunos do que a própria reprovação. A análise comparativa das duas Tabelas abaixo ilustra esta constatação. A Tabela 14 apresenta a série final cursada pelo aluno, levando-se em conta as reprovações sofridas durante sua trajetória escolar. Por sua vez, a Tabela 15 mostra a série final cursada pelo aluno, quando se levam em conta as interrupções ocorridas durante o curso escolar.

Tabela 14 – Relação entre a última série cursada pelo aluno e suas experiências de reprovação

Série	Se foi e quantas vezes foi reprovado						
	Foi 1 vez	Foi 2 vezes	Foi 3 ou mais vezes	Foi, mas não se lembra quantas vezes	Não foi	Não lembra	Total
1 ^a	9,1 %		18,9 %	4,5 %	22,0 %	20,9 %	12,0 %
2 ^a	3,8 %	9,1 %	14,2 %	12,6 %	6,8 %	29,1 %	8,9 %
3 ^a	19,2 %	2,4 %	18,9 %	25,2 %	14,8 %	39,6 %	16,1 %
4 ^a	12,0 %	19,6 %	14,2 %	4,5 %	15,5 %		13,4 %
5 ^a	13,5 %	38,7 %	16,9 %	16,2 %	12,1 %		18,2 %
6 ^a	32,3 %	12,9 %	8,5 %	16,2 %	9,1 %		16,1 %
7 ^a	6,7 %	17,2 %	8,5 %	16,2 %	12,1 %		11,3 %
8 ^a	3,4 %				6,0 %		2,6 %
Não se lembra				4,5 %	1,7 %	10,4 %	1,5 %
Total	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Tabela 15 – Relação entre a última série cursada pelo aluno e as interrupções na sua vida escolar

Série	Se antes de ingressar no PEJ parou de estudar				
	Sim 1 vez	Sim mais de 1 vez	Não	Não lembra	Total
1 ^a	14,6%	11,5%	5,9%		12,0%
2 ^a	11,4%	5,8%	2,9%	100%	8,9%
3 ^a	13,4%	22,6%	11,8%		16,1%
4 ^a	9,8%	18,9%	13,4%		13,4%
5 ^a	19,4%	18,0%	15,8%		18,2%
6 ^a	15,1%	15,4%	21,0%		16,1%
7 ^a	12,4%	5,1%	21,0%		11,3%
8 ^a	1,8%	2,6%	5,3%		2,6%
Não se lembra	2,0%		2,9%		1,5%
Total	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Na busca de alternativas para a correção do fluxo escolar dos alunos, alguns projetos vêm sendo instituídos pelas Secretarias de Educação. Na última década, na cidade do Rio de Janeiro, dois projetos mereceram destaque especial: o projeto de Aceleração da Aprendizagem e, bem mais recentemente, as Turmas de Progressão. São projetos distintos, com objetivos diferentes, mas que visam ambos ao sucesso do aluno e à possibilidade de continuação de seus estudos. Foi perguntado ao aluno se ele havia estudado ou não em classe de aceleração ou progressão, sem discriminá-las. Dos alunos, 16% responderam afirmativamente,

ou seja, disseram que freqüentaram esses projetos. Entre eles, a maior parte estuda no PEJ II, no qual cerca de 19% dos alunos matriculados passaram por turmas desses projetos (Anexo 52).

Na pesquisa realizada para esta dissertação, não pretendi entrar nos méritos ou deméritos desses programas, nem diferenciá-los, apenas tentei identificar, entre os estudantes do PEJ, possíveis alunos oriundos dessas iniciativas, com o objetivo de melhor mapear sua trajetória escolar. Estima-se que essa informação poderá subsidiar, futuramente, uma avaliação dos referidos projetos e também alguns diagnósticos necessários para a elaboração da proposta curricular do PEJ.

5.3 De volta à escola

Apesar da maioria dos alunos do PEJ vir de uma trajetória escolar marcada pela evasão, pela repetência ou, em alguns casos, pela impossibilidade de entrar na escola, essas pessoas, com idades variadas, retornam à instituição ou conquistam, pela primeira vez, os bancos escolares. E o que levou esses alunos de volta à escola?

O desejo de continuar os estudos e chegar à universidade acompanha o maior percentual de alunos do PEJ: 29% dos alunos matriculados disseram ser este o motivo que os fez procurar a escola. Contudo, quando analisamos esse dado, relacionando-o com o PEJ de matrícula, observamos que esse percentual é mais significativo entre os alunos do PEJ II, já que para os alunos matriculados no PEJ I, aprender a ler e a escrever foi a necessidade/desejo principal responsável por fazê-los voltar a ser alunos.

Adquirir novos conhecimentos apareceu como segundo motivo escolhido tanto pelos alunos do PEJ I, com 21% das respostas, quanto pelos alunos do PEJ II, com 24%. A Tabela abaixo apresenta todas as opções de respostas e as escolhas feitas pelos alunos, de acordo com o PEJ de matrícula.

Tabela 16- Motivo principal para voltar a estudar

Motivo principal	PEJ		Total
	PEJ I	PEJ II	
Adquirir Conhecimentos	21,2%	23,7%	22,9%
Aprender a ler e escrever	32,5%	1,3%	12,5%
Fazer faculdade	7,5%	41,2%	29,1%
Exigência do trabalho	3,8%	1,3%	2,1%
Conseguir trabalho ou melhorar no trabalho atual	17,5%	23,7%	21,5%
Motivos familiares	5,0%	1,3%	2,6%
Motivos religiosos	1,3%		0,4%
Outros motivos	11,3%	7,5%	8,8%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Se compararmos o gênero dos alunos (Anexo 53) com os motivos que os levam a procurar o PEJ, vemos que são os homens quem buscam mais a escola como meio de conseguir um trabalho ou ascender no trabalho atual: 32% deles e apenas 12% das mulheres procuram alcançar esse objetivo por intermédio da escola.

As mulheres demonstram mais vontade de aprender a ler e escrever como motivo do retorno à vida escolar. Enquanto 19% das mulheres voltaram para aprender a ler e a escrever, somente 5% dos homens foram motivados por esse desejo.

Quando olhamos os motivos que levaram o aluno de volta aos estudos, classificando-os por grupos de idade (Anexo 54), concluímos que, entre os mais novos, o desejo de fazer uma faculdade destaca-se. Já os alunos com idade entre 22 e 31 anos, além de desejar também chegar à universidade, vêm a escola como uma possibilidade de ingresso no mercado de trabalho.

Entre os mais velhos, aprender a ler e a escrever é o que, predominantemente, impulsiona o seu retorno aos estudos.

E o que o PEJ tem representado para esses alunos? Será que, diante da diversidade de faixa etária e dos motivos diferenciados pelos quais voltaram à escola, o programa em pauta vem conseguindo atender às diferentes expectativas e desejos dessas pessoas? Para buscar responder a essas e outras perguntas, certos itens do instrumento de pesquisa foram direcionados para identificar alguns aspectos da trajetória escolar dos alunos, após o seu ingresso no PEJ.

Ressalto que essa pesquisa não se propôs a realizar um mergulho mais profundo na avaliação do programa e de seus impactos na vida do aluno. Apenas algumas questões simples foram apresentadas para o respondente, a fim de fazer uma avaliação preliminar do PEJ, a partir da ótica específica do aluno e da identificação de suas perspectivas de continuação dos estudos.

A avaliação do programa restringiu-se a uma única pergunta, pela qual os alunos eram convidados a conceituar o PEJ. As possibilidades de respostas foram similares aos conceitos recebidos pelos alunos²⁸, como resultado da avaliação pedagógica praticada nas escolas do PEJ em relação a seu desempenho acadêmico, por ocasião do conselho de classe²⁹. Fiz essa opção por considerar que, tanto a nomenclatura quanto seu significado seriam de domínio de todos os alunos matriculados na rede pública. Os resultados apontam um quadro bastante satisfatório sobre o trabalho do PEJ, conforme a Tabela 17.

Tabela 17 - Avaliação do PEJ pelo aluno

Como considera o PEJ	Percentual de respostas
Ótimo	40,4%
Muito bom	34,4%
Bom	17,0%
Regular	7,4%
Insatisfatório	0,8%
Total	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Não houve variação significativa desse resultado, quando comparadas as respostas apresentadas pelos alunos do PEJ I e PEJ II, o que nos leva a inferir que o trabalho realizado em ambos os PEJs está atendendo às expectativas dos alunos.

Para saber um pouco mais sobre aquilo que mais atrai o aluno para o programa, foram refinados itens do questionário, levando-se em conta as informações obtidas no pré-teste, o que possibilitou listar as respostas mais freqüentes dos alunos a esse item. Essas respostas foram do seguinte tipo: os amigos, o conhecimento adquirido, os professores e as atividades desenvolvidas pela escola. Essas opções passaram a compor as possibilidades de respostas para a

²⁸ Os alunos da rede pública municipal são avaliados, segundo a Resolução 776, através dos conceitos - O, MB, B, R, I de acordo com o seu desempenho. Foi proposta pela SME, uma grande discussão com alunos e pais a fim de esclarecer o significado de cada um desses conceitos.

pergunta. A opção *outro motivo* foi introduzida para atender às possibilidades de respostas não contempladas na primeira versão do questionário.

Segundo as respostas de metade dos alunos, o que mais os atraiu para o PEJ foi o conhecimento escolar.

Quando comparadas as respostas dos alunos do PEJ I com as dos alunos do PEJ II, percebe-se que, apesar de ser o conhecimento adquirido a opção mais escolhida pelos dois grupos, no PEJ I há uma frequência acentuada de respostas que indicam o professor como aquilo que o PEJ oferece de melhor. Isso ratifica que a relação professor-aluno é mais forte, quando se trata de turmas de 1^a a 4^a séries, nas quais apenas um professor trabalha com uma turma, sendo ele, nesses grupos, a grande referência para garantir a permanência do aluno na escola. A Tabela 18 apresenta o resultado comparativo das respostas dos alunos do PEJ I e do PEJ II a essa pergunta.

Tabela 18 – Relação entre o que o aluno mais gosta no PEJ e o PEJ onde se encontra matriculado

Opção principal	PEJ		Total
	PEJ I	PEJ II	
Amigos	1,3%	2,5%	2,0%
Conhecimento adquirido	41,3%	63,8%	55,7%
Professores	35,0%	11,3%	19,8%
Atividades desenvolvidas pela escola	21,2%	17,5%	18,8%
Outro motivo	1,3%	5,0%	3,7%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Após o ingresso no PEJ, a trajetória escolar dos alunos não foi interrompida: 91% deles não pararam de estudar depois que decidiram reiniciar seus estudos. Há uma incidência ligeiramente maior de abandono do PEJ entre os alunos do PEJ II, já que 10% dos alunos pararam de estudar e retornaram, enquanto, entre os alunos do PEJ I, esse percentual caiu para 6% (Anexo 55).

Não podemos considerar que, ao ser retomada, a trajetória escolar dos alunos do PEJ tenha seguido seu fluxo regular sem novas interrupções, pois não

²⁹ O conselho de classe é o período destinado à conceituação dos alunos. Ele acontece, no caso do PEJ, trimestralmente, em datas previamente agendadas.

foram investigados os alunos que abandonaram a escola antes do momento da pesquisa e a pesquisa envolveu apenas aqueles que estavam estudando no final do ano letivo. Assim, esse resultado aponta para a necessidade de se continuar investigando, mesmo que seja posteriormente, quantos e quais são os alunos que se reintegram à vida escolar e novamente a abandonam, bem como os motivos que os levam a tomar essa decisão.

A indicação de uma pesquisa voltada para a evasão no PEJ emerge mais claramente ainda, quando analisamos os resultados da consulta aos alunos sobre o tempo de matrícula no programa: entre os respondentes, 65% entraram no PEJ em 2003, ou seja, estavam, por ocasião da pesquisa, completando o primeiro ano de estudo no programa (Anexo 56).

Esse resultado permite vislumbrar a importância de se investigar mais a fundo uma possível evasão do aluno que se matricula no PEJ. Algumas causas, podem ser apontadas como razões para explicar a existência de um percentual tão alto de alunos que estão estudando no PEJ há apenas um ano. Podemos, por exemplo, relacionar o aumento significativo de oferta de vagas no PEJ³⁰, nos últimos anos, como um dos motivos do reduzido número de alunos com mais de um ano de estudo no programa.

Outra possibilidade de leitura está relacionada com o caráter progressivo e acelerativo do programa, que possibilita que os alunos possam completar o bloco de aprendizagem antes do término de um ano letivo, de acordo com seu desempenho escolar. Assim, saem e entram alunos no PEJ durante todo o ano letivo.

Com certeza, torna-se necessário um olhar mais atento para essa questão, que está relacionada com uma avaliação mais detalhada e criteriosa do atendimento oferecido pelo PEJ aos estudantes. A atual pesquisa, conforme já mencionei anteriormente, não teve seu recorte direcionado para esse objetivo.

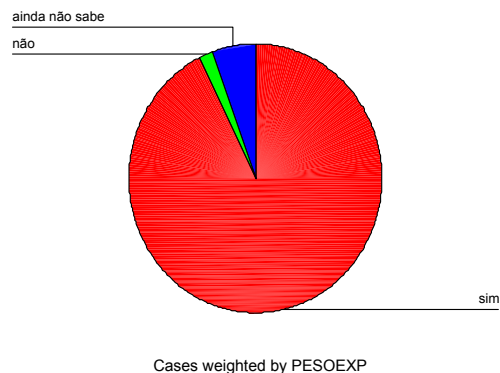
Contudo, se a questão da evasão surgiu ao longo do trabalho, despertando e impulsionando a necessidade de estudos complementares junto à população pesquisada, o desejo de não interromper os estudos e de prosseguir na vida acadêmica é evidente entre os alunos que participaram da pesquisa. Conforme o

³⁰ Conforme o Quadro 1, apresentado no 2º Capítulo, o PEJ vive um processo de expansão bastante significativo, o que está gerando um ingresso cada vez maior de alunos no projeto.

Gráfico 4, quando indagados sobre seu desejo de continuar estudando, 93% dos alunos manifestaram a convicção de fazê-lo.

Gráfico 4 – Pretende continuar estudando após completar o Ensino Fundamental no PEJ?

se pretende continuar estudando



Fonte: Pesquisa *Aluno do PEJ: quem é você, por onde você andou?*, PUC-Rio, 2004

Fica, assim, evidenciado o valor da escola para esses alunos.